

**CONCURSO LITERÁRIO
DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS
E PENSIONISTAS DA CODEVASF
“VIDA NOVA”**

“Um homem de outra época”

Tadeu Montenegro de Miranda Henriques

(Natalício Silva)

O que nos vem à cabeça ao ser mencionada a palavra “baluarte”?

Algo que perdura, resistindo às adversidades; algo firme e forte, vitorioso, de pé ante os ventos contrários; algo que representa a personificação da resistência, do vigor. Algo inabalável, enraizado, persistente, exemplar. Um sustentáculo, segundo o dicionário.

No filme *A Marcha dos Pingüins*, um documentário que merece ser visto por todos, causa admiração a resistência daqueles animais aos ventos cortantes, às temperaturas baixíssimas e à fome extrema, quando, no inverno antártico mais rigoroso, aguardam a eclosão dos seus ovos. Aquelas preciosidades arredondadas, mantidas sobre seus pés e aquecidas pelo calor dos seus ventres são a razão do supremo sacrifício, pois são a garantia da vida e da perpetuação da espécie. Quem assiste ao documentário não deixa de ficar muito impressionado com a resistência dessas aves. Os pingüins reúnem em si os atributos necessários para superar de forma excepcional um problema de dimensão épica naquele momento: um clima rigorosíssimo. Resistem graças à intrepidez, à resistência, à força interior. Representam com perfeição o significado da palavra baluarte.

Muitos de nós conhecemos pessoas que também podem ser assim designadas. Essas pessoas nos fazem acreditar no potencial humano e nos dizem, geralmente sem palavras, que há um exemplo a ser seguido. Seu testemunho nos diz: “é possível, aqui estou eu; há uma trilha a ser seguida”.

No dia 04 de novembro de 2008 uma pessoa dessa estirpe aniversariou na Codevasf. Ele completou 83 anos.

Após entoarem com alegria a apreciada melodia “Parabéns Prá Você”, ele foi homenageado pelos seus colegas, representados naquele momento por um recém-admitido na Companhia. A homenagem, modesta, porém sincera, constou da leitura de um texto que fazia referência às virtudes daquele homem, conforme compreendidas pelo novato durante alguns meses de convivência. As palavras procuravam expressar a

grandiosidade daquele pequeno cavalheiro; a intrepidez daquele agora frágil homem; a nobreza de um ser humano aparentemente comum; a firmeza de caráter que se escondia por sob aquele terno.

Eis o texto:

Idoso Sem Velhice

*Conheço um idoso que ainda não ficou velho.
Tem oitenta e tantos anos no cartório, mas não tem essa idade no coração.
Sua disposição e vivacidade são reveladas de diversas maneiras:
Pela pontualidade diária;
Pela ética no cumprimento dos horários;
Pelo vibrante interesse no andamento dos projetos da empresa;
Pela lucidez com que aconselha;
Pela memória posta em ação em sábias sugestões;
Pela dignidade em tolerar aqueles que não lhe dão a devida atenção;
Pelo desprendimento em perdoar as indelicadezas de colegas impacientes;
Pela sua grande discricção quanto às suas lembranças, melancolias, saudades, limitações.*

O que se vê são esperanças, planos, atividades.

*Conheço um idoso que ainda não ficou velho.
Seu calendário não tem só ontens, mas está repleto de amanhã.
Ele não vive buscando ensinar, mas busca aprender a cada dia.
Está tendo o privilégio de viver uma vida longa e tem-na tornado produtiva e digna.
Sem perder a jovialidade segue com seu sorriso;
Sorriso sempre freqüente, que inexistente em muitos de nós com faces bem mais jovens.*

*Penso que deveríamos aborrecê-lo com homenagens freqüentes;
Ele é digno delas.
Por sua ética, sua experiência prodigamente compartilhada,
Por seu cumprimento matinal caloroso,
Por seus elogios aos “gurus” que o rodeiam,
Quando apenas há um único guru aqui: ele mesmo
Dr. Paulo Natal E Silva!*

Para o senhor, nossas felicitações e nossos votos de saúde e que esta jovialidade continue a irradiar para todos nós. Feliz Aniversário!

Marcas de sobrevivência

Meu filho, que hoje está com dezoito anos, em sua infância foi submetido a algumas cirurgias. Como consequência ele tem pelo menos cinco cicatrizes aparentes, algumas pouco discretas. Costumo dizer-lhe que aquelas cicatrizes são *marcas de*

sobrevivência. Merecem ser ostentadas com orgulho. Elas são o que ficou de momentos de dor, de prantos, de clamores, de riscos de vida, de incertezas quanto ao futuro, de orações enviadas ao Céu e respondidas com amor e graça. O incômodo de ter que dar explicações a curiosos não deve nunca deixar nascer a vergonha ou suplantar o senso de vitória. Aquelas são Marcas de Sobrevivência! Orgulhosamente tenho observado quando ele corajosamente tira sua camisa em público ou corta seu cabelo bem curto, deixando à vista, sem nenhum sinal de inibição, aquelas marcas que fazem parte da sua história. Elas testemunham do fato de que ele é um sobrevivente, alguém vitorioso. Seu nome é Vítor.

Podemos fazer uma relação entre as cicatrizes propriamente ditas e as marcas que o tempo se encarrega de fazer surgir em nós. Quando as marcas de expressão começam a se fazer presentes em nosso rosto nem sempre são bem-vindas. Aliás, nunca o são. Um olhar preocupado, uma observação mais acurada no espelho, um quê de insatisfação. Sentimentos incômodos são despertados. As manchas de senilidade que pouco a pouco vão povoando nossas mãos, os cabelos que teimam em se tornar brancos e os famigerados *pés de galinha*, vão pouco a pouco nos anunciando que já não somos tão jovens como às vezes queremos parecer, ou como nossas atitudes insensatas podem indicar.

A consciência de que estas marcas são também marcas de sobrevivência pode arrefecer os sentimentos de insatisfação que brotam em nosso coração. Como dizia uma antiga melodia, uma versão em Português da *Questa e' la mia vita*: “Cada ruga é uma flor, um momento de amor, uma amarga conquista, uma dor, um sonho de uma vida inventada e vivida...” Em nossa vida cada alegria, cada vitória, cada objetivo atingido, e também cada angústia, cada perda, cada desilusão, cada pesar, todos juntamente vão moldando nossas marcas, vão talhando nosso rosto, assim como talham nossa alma e nosso

coração. Que tal olharmos nossas marcas de sobrevivência no espelho e sairmos para enfrentar o mundo não carregados de insatisfação ou resignação, mas ostentando satisfação, orgulho e até gratidão?

O tempo é implacável. Mas nada como o prazer de ter feito o nosso melhor para nos manter animados. E mais ainda: nada como o prazer de continuar fazendo o nosso melhor a cada dia para nos mantermos vivos.

Alguns mal completaram quarenta anos e já falam na aposentadoria. Um senso de insatisfação os corrói. Anseiam pelo nem sabem o quê. Arrastam-se no dia a dia em suas atividades profissionais, não dando nem o mínimo de si e perdem a oportunidade de serem úteis, de contribuírem de alguma forma para que algo se torne melhor. Maldizem sua sorte, seu trabalho, a instituição a qual estão ligados, seu chefe, seus colegas, a si mesmos. Privando-se do trabalho, privam-se das experiências mais gratas da existência. No extremo oposto estão os que permanecem firmes, alheios a passagem dos anos, mantendo o interesse nas suas atividades. O seu lado profissional sempre foi tão vivo e vibrante que eles não conseguem se desvencilhar dele. Amam sua vida, sua família, mas o trabalho faz parte integrante deles, confunde-se com o seu ser.

Geralmente se espera tal atitude de empresários que dedicaram toda sua vida no erguimento de um empreendimento comercial ou industrial. Daqueles que sentem que as coisas só funcionam com sua presença, que nunca tiram férias, e têm a alma totalmente voltada para seu trabalho. Trata-se do *seu* negócio, *seu* nome, *seu* império. No entanto, encontramos também tais exemplares no chamado serviço público. Dedicando-se ao que não é deles, é de todos, porém com a dedicação de um sócio fundador de uma empresa. Nosso personagem tem esta característica.

Suas marcas de sobrevivência testemunham também de anos de dedicação ao trabalho no Vale do São Francisco. Contudo, ostentando um sorriso jovial ele continua na

ativa. Seu estado mental lhe proporciona juventude. Muitos de nós conhecemos alguém assim, mas o Dr. Paulo Natal convive conosco aqui a cada dia, transita nos corredores tomando suas providências e, por estar assim tão perto, tornou-se o motivo e a inspiração destas linhas.

Frank Crane, um grande ministro, orador e colunista americano escreveu: *“Juventude não é um período da vida; é um estado mental. Não é questão de faces coradas, lábios vermelhos e juntas flexíveis; é a têmpera da vontade, uma qualidade da imaginação uma força das emoções. É o frescor da plena primavera da vida. Juventude significa a predominância da coragem sobre a timidez no caráter, do amor da aventura sobre o amor da indolência. Por vezes, existe mais num homem de setenta anos do que num de vinte. Ninguém fica velho por ter vivido um certo número de anos. Só se envelhece quando se abandonam os ideais. Os anos enrugam a pele, mas somente o abandono do entusiasmo enruga a alma. Uma pessoa é tão jovem como sua fé, tão velha como seu cepticismo; tão jovem com sua confiança em si mesma, tão velha como o seu temor; tão jovem como sua esperança, tão velha como seu desalento”*.

Bases

Muito nos é dito sobre a importância do trabalho para a dignidade e a saúde mental do ser humano. Ele é uma das bases em que nossa vida está assentada. A nossa estabilidade mental guarda estreita relação com nosso trabalho. Numa outra música de bela poesia, composta por Gonzaguinha, ouvimos que “A vida é seu trabalho, e sem o seu trabalho um homem não tem honra, e sem a sua honra, se morre, se mata. Não dá pra ser feliz...”

No livro *Colunas do Caráter*, o escritor Júlio Schwantes comenta sobre uma citação que Rui Barbosa, de quem a nação brasileira se ufana com justificado orgulho, legou-nos

através de seu exemplo e de sua pena: *O patriotismo consiste praticamente no trabalho.*

O Dr. Júlio Schwantes continua:

“Não é patriota o funcionário público que lesa o país com um serviço displicente. Não é patriota o cidadão que é negligente no cumprimento do dever. Não é patriota o estudante que procura substituir o esforço mental assíduo e perseverante por métodos fraudulentos. Pelo contrário, o mais humilde brasileiro, que no seu recanto obscuro e desprivilegiado ganha honestamente o pão para si e para a família, com o suor de seu rosto, dá mostras do mais sã patriotismo. Cada cidadão, pela sua operosidade ou displicência, contribui para enriquecer ou depauperar o organismo nacional. Enriquecem-no aqueles que, no manejo da enxada, da máquina ou da pena, trabalham com o propósito resolutivo de servir à comunidade, e que ao trabalho devotam toda a energia, levando vencida a inércia própria. Enriquece o país o lavrador industrioso que, das entranhas férteis da terra, arranca o alimento que nutrirá o povo. Enriquece a nação o operário que, nas fábricas e oficinas, converte a matéria-prima em tecidos, calçados ou máquinas que tornarão mais confortável a existência humana. Enriquece a pátria o engenheiro, o médico, o professor, todo aquele, enfim, que focaliza a luz de sua inteligência na resolução dos problemas atinentes ao bem-estar econômico, social e físico de seus semelhantes”.

É digno de louvor aquele que, mesmo cercado por maus exemplos em todos os escalões no que tange à honestidade e à ética, continua fiel ao seu dever. É digno de nota aquele que, cercado por parasitas que vegetam em lastimosa ociosidade, cumpre seu dever fielmente. “O imperativo do trabalho está gravado no corpo do homem, no músculo vigoroso do braço e no delicado mecanismo da mão”, conforme citou Teodoro

Parker. “Eximir-se ao dever do trabalho é privar-se da disciplina que forja os caracteres nobres, a única que proporciona satisfação duradoura”, complementa o autor citado.

Pessoal e intranferível

Paulo Natal e Silva, filho de Marcelo Francisco da Silva e Eurídice Natal e Silva, nasceu em 04 de novembro de 1925, na Cidade de Goiás, GO. Seu caminho se cruzou com o da jovem Maria Yeda da Nóbrega e casaram-se na cidade de Fortaleza, CE, em 25 de dezembro de 1954. Tem uma filha, chamada Eurídice Maria da Nóbrega Silva Vidigal, e três netos: Rodolpho Augusto, Maria Paula e Ana Catarina.

Vida profissional

O Dr. Paulo Natal formou-se em Engenharia Civil no ano de 1949, pela Escola Nacional de Engenharia, localizada no Rio de Janeiro. Completa, portanto, neste ano, 60 anos de formado.

Em 1947, aos 21 anos de idade, ainda enquanto era estudante de Engenharia, iniciou suas atividades profissionais no Escritório Hildalius Cantanhede, tendo sido contratado como engenheiro após a conclusão do curso. Permaneceu nessa empresa até 1957, quando passou a trabalhar na Comissão do Vale do São Francisco, que viria a ser a Suvale – Superintendência do Vale do São Francisco. Em 1973 viu-se trabalhando na Codevasf, tendo sido esta criada em substituição da Suvale.

Sem a menor sombra de dúvida, ao longo dos seus cinquenta e dois (!) anos de atividades só na Codevasf e em suas antecessoras, o Dr. Paulo Natal teve uma profícua produção técnica e administrativa. São tantas as ações executadas que, se fossem detalhadas uma a uma, ultrapassariam com certeza o escopo deste modesto texto. Seguindo alguns pontos principais, lembrados e anotados pessoalmente pelo nosso

protagonista, passamos a listar a seguir uma amostra das grandes responsabilidades das quais teve que se desincumbir ao longo da sua carreira.

Na empresa Hildalius Cantanhede elaborou diversos “Relatórios Preliminares” que visavam à elaboração dos projetos de abastecimento de água de diversas cidades do Nordeste, contratados com o então Serviço Especial de Saneamento – SESP.

Na Codevasf e em suas antecessoras, coordenou inicialmente os estudos para construção do sistema de abastecimento de água das cidades alagoanas situadas na Bacia Leiteira de Alagoas, tendo como manancial o rio São Francisco. Como chefe da Divisão de Projetos conduziu os trabalhos para elaboração do projeto da Barragem de Mirorós para irrigação e abastecimento de água, que deu origem à Adutora do Feijão, posteriormente construída pela Embasa, Empresa Baiana de Saneamento. Semelhante trabalho foi realizado no sistema de abastecimento de água denominado Adutora do Oeste, em Pernambuco, que fazia uso das águas do São Francisco, tendo sido implementado pela Compesa, Companhia Pernambucana de Saneamento. Atualmente as cidades de Cabrobó, Ouricuri, Araripina, Bodocó, dentre outras, estão abastecidas por este sistema adutor.

Coordenou a elaboração do Plano Diretor para o Desenvolvimento Integral do Baixo São Francisco, com dotação orçamentária do Banco Mundial. Coordenou a elaboração dos projetos de irrigação de Maniçoba e Curaçá. Coordenou também a Plano Diretor de Desenvolvimento do rio Grande e do rio Corrente, na Bahia. Contribuiu na elaboração do sistema adutor de água para a região de Guanambi, tendo o rio São Francisco como manancial.

Coordenou, como assessor especial do então presidente da Codevasf, Dr. Eliseu de Andrade Alves, a quem tem em grande estima, as negociações feitas com o BIRD, com o BID e com a OSTF de um empréstimo visando à implantação de perímetros de

irrigação e fez a contrapartida brasileira em relação à equipe do Bureau of Reclamation, órgão americano que atendia tecnicamente a Codevasf.

Em 1999 foi honrado com um troféu e com um diploma de Funcionário Símbolo da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, ficando “muito sensibilizado”, segundo suas palavras, com o reconhecimento. O texto do diploma traz a seguinte declaração: *A Codevasf confere ao Engenheiro Paulo Natal e Silva o título de **Funcionário Símbolo da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco** pela sua dedicação e valiosa contribuição para o engrandecimento e fortalecimento desse patrimônio nacional.*

Ocupando atualmente o cargo de presidente da Comissão de Ética da Codevasf, empenha-se, juntamente com a sua equipe, no projeto de Difusão da Ética pelo Exemplo, o qual nos apresenta testemunhos de pessoas honradas cujo exemplo ético merece ser imitado.

Testemunhos de amigos

Os comentários espirituosos do Dr. Paulo Natal são conhecidos por todos. Ainda há pouco, enquanto escrevia este texto, a estagiária do nosso setor chegou e, como acontece com freqüência, foi alvo de uma observação: “A ministra do fome zero hoje chegou alinhada...” (ele a chama assim devido ao fato de ser ela quem costuma passar servindo um lanchinho que por tradição é distribuído no nosso setor).

Gostaria de abrir espaço agora para que algumas pessoas, através de breves relatos nos apresentem melhor o Dr. Natal.

“Sempre que Dr. Paulo Natal vem à Biblioteca, sabemos que vamos ganhar uma balinha. Mas, além da balinha, ele também distribui simpatia, sorrisos e, geralmente,

uma história ou uma piada engraçada que nos alegram e nos contagiam, deixando nosso ambiente de trabalho mais leve e agradável. Ele e suas balinhas também são sinônimos de solicitação de pesquisa. Se suas histórias e piadas nos fazem rir e nos deixam alegres, suas solicitações de pesquisas nos deixam impressionadas e a cada conversa que temos com este simpático senhor, ampliamos nosso leque de conhecimento sobre a história da Empresa. É admirável, principalmente para quem trabalha com organização e sistematização da informação e do conhecimento, a capacidade que Dr. Paulo tem de organizar e armazenar mentalmente as informações de vários estudos realizados no vale do São Francisco ao longo da história da Codevasf. Ele é nossa grande fonte de informação e conhecimento”.

(Edna Santos, bibliotecária da Codevasf)

“O Dr. Paulo Natal tem algumas características marcantes. É um homem muito culto. Sua cultura geral impressiona, tendo também admirável conhecimento técnico. É detentor também de uma extrema lucidez. Sua memória é espetacular: quando conta algum fato, menciona datas e nomes que um garoto não lembraria; nomes de senadores, ministros e de pessoas que integravam o governo à época do fato relatado são lembrados sempre. A sua pontualidade e assiduidade ao trabalho são notáveis. Eventualmente se ausenta, mas sempre com justificativas muito pertinentes. Preocupa-se com o seu ponto e nunca deixa horas em aberto.

É muito positivo seu entusiasmo em fazer as coisas acontecerem. Impacienta-lhe a burocracia da administração pública, desejando muitas vezes “pular” etapas. Isso motiva insistentes lembranças (para não dizer cobranças) sobre algum resultado por ele almejado. “Quero ver isso na escala de um pra um!” É sua frase marcante.

É notadamente observador. Diferentemente de outros colegas, pelo menos comigo, é capaz de perceber se estou preocupada ou triste no momento em que passo em frente da sua mesa. É sensível e solícito para ajudar.

Sua educação é exemplar, e seu vocabulário denota uma rica cultura advinda da leitura. Cita versos e poemas como nenhum de nós da área da Engenharia!

Tem o interessante hábito de distribuir balinhas para as abelhinhas e nunca para os zangões. Cá prá nós: quando o xodó é grande, ele traz ocasionalmente um chocolate.

Se ele me permite (e penso que sim) vou contar uma engraçada. Aliás, duas: um dia ele devia estar muito cansado, cochilando sentado quando de repente o telefone tocou estridente. Ele acordou assustado e sobressaltado, pegou o mouse e ficou alô, alô, ALÔ! Eu, recém contratada, não tive coragem de rir e brincar com ele. Engoli o riso e saí correndo da sala...

Noutro dia eu fui até a impressora buscar um papel e estava aparecendo no visor “Dormindo”, como costuma ser quando ele passa alguns minutos inativa. Então eu, brincando, coloquei as mãos na impressora e exclamei: Dormindo, né? Nisso ele acordou assustado e ficou bravo comigo alegando que eu tinha falado com ele.

Amo o senhor, Dr. Paulo!”

(Cibele Ribeiro, Engenheira Civil, chefe da Unidade de Projetos)

“O Dr. Paulo Natal é um exemplo de profissionalismo e dedicação ao trabalho. Exemplo a ser seguido por todos”.

(Maria Libânia, Secretária Executiva da AS/SE)

O trabalho dignifica

Uma renomada escritora americana expressou-se sensatamente da seguinte maneira:

"A maior necessidade do mundo é a de homens - homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus".(Ellen White, *Educação*, pág. 57).

Tais palavras se encaixam muito bem no tipo de pessoa que é o Dr. Paulo Natal. Um homem de princípios, cujo vigor moral e ético por si só já o torna a personificação da Comissão que preside. No Brasil de hoje, que tanto nos tem decepcionado na pessoa de muitos dos nossos alegados líderes e dirigentes, quão diferente seria a nossa realidade social se mais homens pautassem sua vida por princípios sólidos, princípios de honestidade, veracidade, hombridade, retidão e zelo pelo que é justo, nobre e elevado. Quão diferente seria se cada um de nós, no dia a dia do nosso anonimato, buscasse os valores que realmente importam, e procurasse proceder como quem está constantemente sob os olhos de Deus.

É certo?

"Faça a coisa certa" é uma conhecida frase americana. Ela introduz um trecho do livro *Talento Não É Tudo*, de John C. Maxwell:

“Fazer a coisa certa não é algo que vem naturalmente para qualquer um de nós. Contudo é isso que devemos fazer para desenvolver o tipo de caráter que irá nos sustentar. Não é fácil fazer a coisa certa quando o que é errado é oportuno. Molière comentou: ‘Os homens são parecidos em suas promessas. Eles só diferem em seus atos. A diferença em seus atos é simples: As pessoas de caráter fazem o que é certo independentemente da situação.’

Não é fácil fazer a coisa certa quando isso lhe será custoso. Não é fácil fazer a coisa certa quando ninguém, a não ser você, saberá. Mas é nesses momentos que o caráter de uma pessoa fica forte. O líder dos direitos civis Martin Luther King Jr. afirmou:

A covardia pergunta: É seguro?

O consenso faz a pergunta: É popular?

O caráter pergunta: É certo?

Esta é a questão principal. Você vai fazer o que é certo? Se fizer, e continuar a fazê-lo, mesmo que isso não o ajude a avançar a curto prazo, essa atitude irá protegê-lo e será útil a você a longo prazo. O caráter edifica e constrói você”.

Final

À primeira vista pode parecer que se referir a uma pessoa como sendo “de outra época” seria julgá-la ultrapassada e sem espaço na sociedade atual, mas pode ser exatamente o contrário. O título deste trabalho refere-se a uma época em que as pessoas tinham valores mais consistentes, quando havia menos relativismo e maior diferenciação entre o certo e o errado.

Designar o Dr. Paulo Natal como *Um Homem de Outra Época*, em nenhum aspecto o desqualifica. Constata-se que desqualificar este homem seria até uma total

impossibilidade, pois aqueles que o conhecem pessoalmente ou o estão conhecendo apenas pelas informações deste texto, percebem que ele é *indesqualificável*.

Sendo, no entanto, humano, não é dotado de perfeição. Certamente está longe disso e seria ingenuidade esperar isso dele. É natural que a luta contra o seu próprio *eu* tenha sido e ainda seja a maior batalha travada. Os resvalos de um homem não o descredenciam como modelo, desde que haja compensações, reconhecimento do erro e mudanças de rumo. Há uma Fonte inesgotável de Graça que sempre nos pode dar uma segunda chance. Mas quero considerar a segunda milha. Aquela que o Dr. Paulo Natal andou completando quase 63 anos de atividade profissional. Ele é um homem da segunda milha. Ele é um homem de outra época, sim.

Com uma ponta de nostalgia atribuí-lhe esse epíteto. Precisamos ter mais homens de outra época entre nós, precisamos *ser* homens de outra época.

Ele não é de outra época por haver nascido no primeiro quarto do século passado; não é de outra época por zelar por uma indumentária não exigida mais atualmente para a sua atividade; não é de outra época por fazer uso de um vocabulário mais erudito. Não, não é por estes motivos.

Por ser respeitoso no trato com as pessoas, por ser fiel ao seu dever, cumpridor das obrigações; por ser honesto, zeloso, confiável, prestativo; por suplantar suas limitações, por estar dia após dia arrumado e pronto para sua jornada de trabalho hoje já sem tantas solicitações. Por sua admirável bravura, que não pode ser abafada pela aparente fragilidade dos seus 84 anos. Por sua força e potencial inesgotável de trabalho. Por ser um homem de caráter. Por ser o funcionário Símbolo da Companhia. Símbolo também de uma geração de homens e mulheres que honestamente dedicaram suas vidas ao trabalho e à família e que hoje se encontram jubilados. O diferencial é que, no caso dele, o verbete “aposentadoria” foi excluído do dicionário.

Que cada um de nós possamos também cumprir fielmente a parte que nos corresponde.

Temos um exemplo a ser seguido.